

Jules Vuillemin

A história da filosofia da razão científica*

Gilles-Gaston Granger** & Roshdi Rashed***

O filósofo Jules Vuillemin, nosso amigo, acaba de falecer. Como dizia Gaston Bachelard, foi um daqueles que cumpriam “as tarefas heróicas do pensamento difícil”. E o fez com igual felicidade na história da filosofia, na história das matemáticas e das ciências, assim como na filosofia do conhecimento científico. Traço talvez essencial dessa obra verdadeiramente monumental, J.V., em todos os seus trabalhos, alimentou sua investigação sobre uma disciplina por meio de reflexões sobre outra, mostrando assim, pela prática, que uma verdadeira história da filosofia é fundamentalmente filosófica e que um pensamento filosófico fecundo dificilmente pode ignorar aqueles que o precederam. Ainda que não se adote inteiramente esta frase que J.V. escreve em um de seus primeiros livros (*L'héritage kantien, in fine*), “O grande assunto da filosofia é a história”, não é possível deixar de se ver que sua obra, infelizmente agora terminada, apresenta-se na sua totalidade como uma história filosófica da razão científica.

* Tradução de José Arthur Giannotti.

** Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1947-53) e professor honorário do Collège de France.

*** Diretor de pesquisa do Centre d'Histoire des Sciences et des Philosophies Arabes et Médiévales, CNRS, e professor da Universidade de Paris 7 – Denis Diderot.

Discípulo de Martial Gueroult no que concerne à história da filosofia, mas orientado para as relações da filosofia com as ciências, sempre procurou nas matemáticas e nas ciências os modelos, os métodos e os temas que inspiraram os filósofos desde Platão. Desse modo, aprofundou e renovou os estudos kantianos, cartesianos, aristotélicos, platônicos, introduzindo, ademais, na França, Bertrand Russell. Mas essa pesquisa não deixou, por assim dizer em reação, de aprofundar e renovar a prática da história das ciências. Em seu livro *L'héritage kantien et la révolution copernicienne* (PUF, 1954), o filósofo procura nas filosofias kantianas e pós-kantianas (Fichte, Hegel) um novo sentido para a revolução copernicana (“Fazer o objeto girar em torno do sujeito em vez de girar o sujeito em torno do objeto”) interpretada como “deslocamento de conceitos”. Põe em evidência a importância decisiva de dois temas que reaparecerão sob diversas formas em suas obras: aparecimento da temporalidade e primado da consciência moral.

Mas é em *Physique et métaphysique kantienne* (PUF, 1955), mediante um estudo preciso e inovador da construção kantiana dos conceitos da física relacionados com as teses metafísicas, que explora explicitamente e põe em prática as idéias que sempre nortearão seu método:

“1. Um conhecimento histórico da filosofia kantiana pode ser absolutamente rigoroso e objetivo: a história da filosofia pode ser uma ciência.

2. A própria filosofia é uma ciência” (*op. cit.*, p. 2)”.

Esses princípios de análise serão aplicados a Descartes, Aristóteles, Platão e Russell.

Em *Mathématique et métaphysique chez Descartes* (PUF, 1960), mostrará, ao mesmo tempo, a novidade e os limites do uso, atribuído por Descartes, ao entendimento, mas também toda a novidade do projeto cartesiano no que respeita à geometria algébrica. No que concerne a Aristóteles, *De la logique à la théologie* (Flammarion, 1967) constitui uma coletânea de artigos formando um todo. São analisadas e criticadas as noções de “analogia”, do sistema de categorias relacionado com a predicação, do raciocínio por

regressão ao infinito, da teoria das relações. Embora J.V. se interesse diretamente pelo conceito de Deus, o problema aristotélico de uma teologia é sobretudo considerado na medida em que se liga a uma física e a uma lógica. Sempre pertinentes e profundos, os comentários assumem aqui um tom crítico que o autor julga conveniente justificar numa “Advertência”, lembrando que não se poderia “desligar a história e a crítica sem amputá-las” (*op. cit.*, p. 9).

Quanto a Russell, o importante estudo que J.V. lhe consagra (*Leçons sur la première philosophie de Russell*, Armand Colin, 1968) foi motivado pelo “desdém e pela ignorância” que a filosofia francesa da época testemunhava a respeito do pensamento anglo-saxão (*op. cit.*, p. 5). Sem se situar na linha desse pensamento, reconhece contudo “a virtude exemplar de escritos que imprimiram ao (seu) pensamento um novo curso (*ibid.*, p. 7), sendo ele um dos raros pensadores franceses que tomaram conhecimento, de modo simpático, dessa filosofia, contribuindo assim para tornar conhecidos e apreciados esses trabalhos. As idéias russellianas, tematizadas no livro, concernem principalmente a *Principles of mathematics*, de 1903. Segundo J.V. a maior tese inovadora de Russell é, nesse momento, o reconhecimento “do elo entre filosofia e ciência”, examinando pormenorizadamente no livro o desenvolvimento da lógica russelliana e sua intenção “realista” e logicista. Russell teria assim revitalizado e tornado mais precisa a filosofia, sem contudo, conforme J.V., ter conseguido “determinar a natureza desse elo”, tendo assim falhado na tentativa de “atribuir à filosofia seu objeto e seus procedimentos próprios”.

Depois de um estudo sobre a filosofia medieval, *Le Dieu d'Anselme*, que aparece em 1984, nas Edições Minuit, publica sua grande obra sobre a história da filosofia: *Nécessité ou contingence, l'aporie de Diodore et les systèmes philosophiques*. De certo modo coroa sua obra de historiador na medida em que esse livro inclui estudos densos e originais sobre o problema das modalidades em Aristóteles, os estóicos, Epicuro, Carnéades, Platão e uma classificação geral dos sistemas filosóficos. A idéia fundamental e nova é passar de um método analítico a um método sintético, que consiste em “substituir pela ordem dos princípios a ordem da matéria”. Essa classifi-

cação, entretanto, permanece relativa à “sua relação com a questão da necessidade e da contingência” (título do Cap. XI). A distinção dos três sistemas “dogmáticos” (realismo, conceptualismo, nominalismo) e do sistema cético é, de uma parte, muito inspirada pelas problemáticas medievais e, de outra parte, constantemente associada a questões referentes à existência de Deus, à inteligência de Deus, à criação.

O último livro de J.V., *Mathématiques pythagoriciennes* (Blanchard, no prelo), continua uma reflexão iniciada há quarenta anos a propósito das relações entre as matemáticas e a filosofia de Platão. J.V. salienta e reconstrói os algoritmos, os procedimentos e os princípios organizadores da aritmética pitagórica e platônica, mostrando ainda como os modelos fornecidos por elas articulam-se com os temas filosóficos do platonismo.

Em numerosos artigos e nos cursos do Collège de France J.V. tratou de problemas atuais da filosofia da lógica, da matemática e da física; o livro *La logique du monde sensible* foi publicado em 1971 (Flammarion). Também dedicou às matemáticas uma grande obra sobre a história da álgebra desde Lagrange (*Introduction à la philosophie de l'algèbre*, PUF, 1962). Nela examina nas inovações o que se relaciona ao método e o que se relaciona aos objetos. Rico de exposições lúcidas, de interpretações e comentários inovadores, este livro deveria ser seguido de um segundo volume, que nunca veio à luz.

Mestre em filosofia e história das ciências, J.V. tinha, contudo, iniciado sua carreira publicando três obras de orientação muito diferente, suas duas teses *Essai sur la signification de la mort* (PUF) e *L'être et le travail* (PUF, 1949), e em seguida, em colaboração com Louis Guillermit, *Le sens du destin* (1948). A multiplicidade de seus dons manifesta-se ainda numa obra de juventude, *Le miroir de Venise* (Julliard, 1965) e um pequeno tratado de estética literária: *Éléments de poétique* (Vrin, 1991).

A obra de J.V., rigorosa e profunda, por certo de acesso muitas vezes austero, deveria, contrabalançando todas as facilidades que são oferecidas às novas gerações de filósofos, servir-lhes de guia e de incomparável fonte de reflexão.